EDUCAÇÃO e TECNOLOGIA

Revista do Instituto Politécnico da Guarda

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade
Instituto Politécnico da Guarda

Director
Álvaro Bento Leal

Redacção
Serviços Centrais do I.P.G.
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro nº 50 * 6300 Guarda
Telef. (071) 222634 * Telecópia (071) 222690

Composição
Gabinete Editorial do I.P.G.

Execução Gráfica e Impressão
Secção de Reprografia do I.P.G.

Periodicidade
Semestral

Tiragem
1.000 ex.

Depósito Legal
nº 17.981/87

Capa: Grafismo de José Carlos Miranda

nº XVII * Fevereiro de 1996

Um contributo válido

A Revista "Educação e Tecnologia ", com esta edição, apresenta o seu décimo sétimo número, cumprindo a sua periodicidade.

Nesta breve nota introdutória entendi oportuno fazer referência às colaborações com que esta publicação tem contado; sobretudo ao apoio daqueles que optando pela carreira académica, aqui se formaram, a partir daqui desenvolveram a evolução lógica dessa mesma carreira e a este Instituto Politécnico estão a dar o seu próprio contributo, construindo assim um autêntico espírito de escola — que sempre defendi — assegurando, ainda a estabilidade do corpo docente das duas Escolas Superiores que, actualmente, integram o Instituto Politécnico da Guarda.

É importante não esquecer que a nova realidade resultante da publicação dos estatutos do Instituto Politécnico, bem como da Escola Superior de Educação e da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, exige uma participação colectiva, um empenhamento diário, uma postura profissional e responsável que possa responder, cabalmente, às exigências actuais e aos desafios futuros.

Apostamos numa educação e num ensino com qualidade, apostamos no desenvolvimento desta região, certos de que estamos a dar o nosso contributo para o desenvolvimento do todo nacional. E esse contributo passa também pela divulgação de trabalhos de pesquisa e investigação, resultado da experiência profissional de cada um, e igualmente pela apresentação de trabalhos com carácter pedagógico ou informativo, dentro dos parâmetros e do espírito da nossa Revista, que continuará a ser um desafio semestral.

Álvaro Bento Leal
Presidente do IPG

Vovó, Nina
e
Pin...ta...roxo!*

José Miguel Carreira Amarelo**

Introdução

O discurso de acção ou, de outra maneira dito, que trata das acções humanas engloba um conjunto de textos que vão da simples notícia ao romance, da reportagem ao filme, do texto informativo às narrações naturais. Todorov chamou a atenção, na peugada de Aristóteles, para a importância da acção na economia da narrativa. De facto, as personagens são submetidas à acção a tal ponto que esta é um programa narrativo em que o sujeito sabe o que quer e faz por atingir um fim pré-determinado, segundo afirma Greimas. Em termos semionarrativos, personagens, tempo e processos de transformação são naturalmente objecto da análise do discurso.O presente estudo do conto *Vovó, Nina e Pin....ta....roxo* ! é um modesto contributo para a descrição de um modelo semiótico ou de um conjunto de valores que determinam o discurso.

Revista "Educação e Tecnologia" * Vol. XVII, Fevereiro de 1996

* Matilde Rosa Araújo em *O Sol e o menino dos pés frios* - Livros Horizonte, 1986, 7ª ed.
** Director da E.S.E.

*

Pintarroxo é um pássaro. E a menina pusera ao gato o nome de Pintarroxo.

Porquê? Era um nome bonito. Parecia um novelo, como o gato quando era pequenino. Um pinto cinzento-roxo, com os olhos muito amarelos.

E Chamava:

- Pin...ta...roxo!.

- O que estás a fazer, Pintarroxo?

E Pintarroxo, mesmo crescido, como era agora, vinha igual a um novelo. Pelo corredor fora. Um novelo com patas. O ruído das quatro patas uma música, rápida e mansa, tocada por quatro almofadinhas corredoras. Pam! Pam! Pam! Pam!.

- Lá vem o Pintarroxo! Que bicho tão doido!

- Tu fizeste alguma...

E Nina sorria. Este *doido* queria dizer ternura. Carinho pela rapidez e mansidão daquelas almofadinhas das patas.

- Que maluco! Que patinhas malucas!

E logo acrescentava:

- Pintarroxo, és lindo!

E Nina passava-lhe as mãos pelo pêlo de seda. Pintarroxo olhava Nina com os seus olhos muito amarelos. A entendê-la. A saber a música das próprias patas. Igual ao pianista que acabasse de tocar as teclas negras e brancas de um piano.

Às vezes, dizia:

- Mi...au...au...!!!

Mas era um disparate que dizia. Até ficava envergonhado. E depois, com uma das patas dianteiras, dava uma sapatada a Nina, assim como a pedir-lhe:

- Não faças caso...

Vinha a Vovó de Nina pelo corredor. Um andar pesado, almofadado em pantufas. Umas lindas pantufas de pelúcia cor de morango.

Às vezes, Nina pensava:

- Que engraçada a Vovó! Andar sempre com pantufas desta cor! Traz os pés embrulhados em morangos... Ou rosas e camélias!

Era esquisita esta ideia para Nina! E, com aquelas pantufas, a Vovó era linda. O cabelo branco, igual à brancura da neve com a transparência da água de uma fonte.

E os pés, frutos e flores.

- Nina, o teu gato comeu-me a minha begónia! Foi para a varanda!

Era sempre a queixa da Vovó! A minha begónia. Foi para a varanda. Tão importante a *minha begónia* para ela, como, para Nina, o *meu gato*.

E, depois deste desabafo, a Vovó sentava-se na cadeirinha de palha. Suspirava.

Pintarroxo, descontente consigo próprio e com a Vovó, alongava as unhas, fora das almofadas das delicadas patas.

E a Vovó, lentamente, traçava os pés, trocava as flores, os frutos, os rosados morangos das pantufas. O pé direito sobre o pé esquerdo, como a afirmarem:

- Não está certo, Nina, não está certo! O *teu gato* comeu a *minha linda begónia*...

E, depois, Vovó pega no jornal. Na grande folha de jornal que conta muitas coisas.

Pintarroxo, já esquecido da minha linda begónia, vem encostar a cabeça aveludada, os sensíveis bigodes, às pantufas quentinhas, macias, da Vovó. De uma cor tão linda. Cerra os olhos amarelos, já cheios de perdão.

Nina põe-se muito calada. Sobre um lindo livro de capa azul. Com muita letra. E sorri, já esquecida do seu gato tão maluco.

E Pintarroxo sonha. Sonha, ali sobre as pantufas, que lhe perdoaram. Pantufas de música lenta. Pam...Pam...Pam...

Já não come as begónias da varanda. Corre pelos terraços, pelos telhados, telhados de vários tamanhos, de várias alturas, como uma escada gigante para o céu. O céu azul, igual à capa do livro de Nina. Igual ao rio. Uma cidade cheia de música, com pessoas nas ruas, abrindo as janelas.

Os olhos amarelos deixam ver apenas uma linha muito fina entre os pêlos. Ele entreabre-os, torna-os a fechar.

Corre pela escada gigante. Livre, com as almofadinhas loucas, saltando milhões de begónias.

Visita o Sol, a Lua, todas as estrelas.

E depois, fica-se numa nuvem muito branca, adormecido.

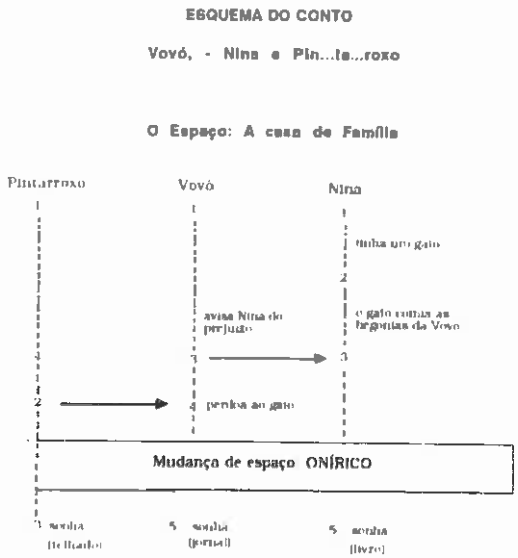
Quando acorda, olha cá para baixo, e vê Nina e Vovó.

Ambas lendo. Sonhando, também, debaixo de um telhado.

Ou Nina já a caminho da escola. A Vovó, na lida da casa, cobre as flores e os morangos das pantufas.

E ele, Pintarroxo, na nuvem branca. Livre. É um gato ou um pássaro?

Não sabe nem nós sabemos também.



1 - As personagens.

É bem evidente que a personagem como *unidade difusa de significação, construída progressivamente pela narrativa...*, a personagem, suporte de redundâncias e transformações semânticas da narrativa"[1] é a entidade sobre a qual recai uma certa informação relativamente ao que ela **É** e **FAZ!**

Concebida como **actante**, como suporte sintáctico da narrativa, na visão funcionalista de Vladimir Propp, ou na lógica de C. Bremond, bem como na descrição estruturalista de Greimas, é uma unidade ou categoria formal que **realiza** ou **sofre** ou ainda **beneficia** de uma acção.

Sendo assim, ao nível da manifestação discursiva, a personagem é objectivada por um conjunto de virtualidades funcionais que determinam o seu peso específico na economia da narrativa, que determinam o **herói** ou o mero **figurante**. É importante o papel da personagem, não só enquanto entidade indispensável para a realização da acção e concretização do processo narrativo, mas também, pela intensidade da caracterização, **física**, **psicológica** ou **social** que lhe dedica o narrador.

Posto isto, analisemos cada uma das personagens que figuram neste texto:

(1) HAMON, Philippe (1984) - Le personnel du roman. le systéme des personnages dans Rougon - Macquart d' Emile Zola, Genéve: Droz, p. 20.

1.1. - O Pintarroxo

O título da narrativa realça as três personagens intervenientes na acção. E, sem dúvida, aquela que se pode apresentar como **personagem principal** é o Pintarroxo - já pelo espaço que ocupa na narrativa, já pela sua função na estrutura do discurso, já pelo tempo e pormenores da caracterização. Observemos a longa, detalhada e retomada descrição de Pintarroxo:

- **Pôr o nome** a alguém implica, antes de tudo, um domínio, um direito de propriedade e também um destino a desempenhar na vida. **Pintarroxo** é um nome que convém ao gato porque é **"um nome bonito"**, porque é um como um pintainho acabado de nascer, porque tem uma cor neutra, **cinzento** e roxo, porque tem uns **"olhos muito amarelos"**. Porque é incaracterístico, fisicamente, convém-lhe a denominação de uma ave, - ave bonita; porque é lindo é que a sua proprietária o identifica com o passarito; porque tem um pêlo de seda, uma cabeça aveludada, uns olhitos amarelos, como uma linha fina entre os pêlos é que, em tudo isto, se assemelha à avezinha.

Convém-lhe, pois, o nome de Pintarroxo desde o nascimento como ainda mais tarde, já crescido: *Parecia um novelo quando era pequenino . E... mesmo crescido, como era agora, vinha igual a um novelo.*

Pintarroxo é, pois um nome adequado e simbólico, fruto de uma visão subjectiva do gato próprio, do seu gato.

- Mas a ave canta enquanto o gato mia! É uma diferença notória entre um mamífero e uma ave!

Este gato é também um **Pianista.**

As quatro almofadinhas das patas são os quatro dedos da mão do artista; o soalho da casa é um instrumento donde Pintarroxo extrai uma *música, rápida e mansa tocada por quatro almofadinhas corredoras.* Uma música monótona: Pam! Pam! Pam! Um ruído! Um ruído que só é música porque a perspectiva subjectiva do ouvinte o configura melodioso! Porque há um código comum *a entendê-la*. Porque saboreiam esses sons: *A saber a música das próprias patas*. E não só! Também a sua voz solta uma melodia harmoniosa que se resolve num acorde de 3ª. 5ª. ou 8ª maior: "mi-au...au", ou seja, mi-sol-dó.

E a verdade é que este músico-pianista e este gato-pássaro obtinha a compreensão, a **ternura** e o **carinho** da sua dona: **Nina sorria... aquele bicho doido**... de **patinhas malucas**.

Porque os sons que saíam das teclas do seu piano era o Pam, pam, pam, por isso mesmo lhe convinha o nome de Pin...ta-roxo.

- Pintarroxo não é um mero passarito ou um artista! É, sobretudo, um sonhador! Um visionário.

Sobre as pantufas da vovó, de consciência tranquila o Pintarroxo alheia-se do mundo interior e íntimo. Viaja! Viaja pelo Universo. Uma viagem pelo infinito e pelo eterno: sobe da terra para o céu; da casa para o terraço; dos telhados para as alturas; da cidade dos homens para a cidade do Criador. Sobe por uma escada gigantesca que liga a terra ao céu, como a de Jacob.

Agora, viaja no universo: chega à lua, ao sol, às estrelas e, cansado desses outros mundos, nada melhor para descansar do que a nuvem branquinha! Um novelo de nuvens para outro novelo!... Viajou e libertou-se... alheou-se... como o adulto que **anda nas nuvens!**

Pintarroxo é um nome que àquela personagem convém enquanto ave que simboliza o espírito humano: viajante, aventureiro, navegante e descobridor porque símbolo do pensamento e da imaginação humanas que se elevam às alturas; porque símbolo da paixão dos seres humanos - **descontente consigo** e com a Vovó!

Pintarroxo, personalizado e metamorfoseado, é um símbolo, como veremos da avó e de Nina!

1.2. - Vovó

Com uma idade subentendida, de cabelo branco como a neve e transparente como a água da fonte, a Vovó calça pantufas cor de morango, macias, fofinhas, de pelúcia, de cujo andar pesado, saía uma música lenta, idêntica à do Pintarroxo: Pam... Pam...Pam... mas de ritmo distinto da do gato corredor: Pam! Pam! Pam!

Por isso, no espírito de Nina, Vovó e Pintarroxo assemelham-se: na beleza, nas qualidades artísticas, na comunicação com ordem cósmica! Semelhantes, também, no estado de espírito: sonhando *debaixo de um telhado* ! De sonho são as pantufas que nos revelam um espírito jovem contrastando com a idade da avó: traça os pés, troca as flores, os frutos, os pés. É uma avó que se afirma nas suas atitudes e, pontualmente, na denúncia: o gato comeu as begónias. Uma avó que lamenta, que se queixa do gato para a neta. Uma avó que perdoa; que distingue entre o meu e o teu; que se identifica com a begónia tal como Nina com o gato; que gera um conflito, mais aparente que real.

Este carác t er dialógico - tendência natural de todo o discurso vivo - cria uma tal tensão no discurso que vai valorizar não só as personagens mas também o próprio processo de comunicação. Se tivermos em conta os factores histórico-

sociais não podemos ignorar a importância do dialogismo - que Bakhtine relevou do ponto de vista da interacção no processo dicursivo - e Lozano e outros destacaram no desenho do contexto narrativo.

1.3. - Nina

Nina é a outra personagem caracterizada indirectamente: a menina terna e carinhosa, sorridente, compreensiva, pensativa que reflecte sobre todos os contrastes. Por isso, guarda silêncio para interiorizar as impressões. Nina sonhadora: lendo um livro de capa azul ou viajando para a escola. Aparentemente, Nina é a personagem a quem o narrador dedica menos tempo mas aquela que domina o espaço textual, de princípio ao fim. E isto porque ela é o ponto de convergência de toda a acção. Acção, não direi, mas contemplação de um Quadro Vivo.

A imprevisibilidade das suas reacções, das suas vacilações, das suas obsessões constitui o principal factor da sua caracterização. O conflito interior do seu espírito - atravessado por um suposto monólogo interior - manifesta uma específica modalidade de focalização interna própria de uma técnica narrativa que se ajusta à caracterização psicológica da personagem.

2. - O tema

Uma *história* pode ser ou não uma lição relativa aos problemas sociais ou pessoais, íntimos; pode ou não ensinar a dar sentido coerente à vida, a compreender-se; pode ou não apresentar soluções acertadas para as interrogações dos humanos.

Pode uma história visar o desenvolvimento da personalidade a vários níveis: o inconsciente e o consciente, do *Id* ao *Ego* e ao *Superego* ; pode singularizar ou universalizar o caso.

Esta *história* busca resolver um dilema existencial: a problemática da vida! Há uma questão entre a avó e a neta, entre o eu e o tu. É importante a compreensão dos problemas e dos pontos de vista dos outros para uma solução adequada. É necessário ruminá-los, fantasiá-los e reajustá-los. Nina é a personagem que pelo seu silêncio, pela reflexão, pelo sorriso, procura resolver os problemas de que já está consciencializada! *Esta realidade evocada pelo discurso narrrativo*, segundo Todorov, não se apresenta com um carácter meramente lúdico ou ficcional. Não parece ser essa a intenção do autor, como diz Searle, mas informativo e formativo.

Entre autor e leitor afigura-se-nos vigorar um acordo no sentido de encarar a história pertinente do ponto de vista cultural e social, de dar sentidoaos factos habilitando-os a retirar das suas experiências e vivências o sentido de viver; a colher soluções temporárias e estáveis.

Esta história desperta a curiosidade, estimula a imaginação, desenvolve a inteligência, sossega as emoções, sugere soluções e dá confiança ao leitor!

Não é uma história com enredo, com pormenores com tarefas difíceis para o herói, nem sequer com prémios ou castigos. Não é uma história com personagens más que contrariam as boas. É verdade que a eterna dicotomia - bem/mal - está presente mas não é preciso lutar para a resolver. A solução está na compreensão que conduz ao perdão! Porque o mal, inconscientemente praticado pelo Pintarroxo merece uma advertência, um procurar evitar o dano mas não implica uma necessária reparação: um quadro vivo mais estático do que dinâmico porque o sonho comanda a vida..

3. - O tempo

Toda a narrativa, todo o evento, se localiza no espaço temporal. Daí, o reconto de um facto ou de acções, tem implicações linguísticas tais como: tempo verbal e emprego de dícticos. O tempo é, pois, uma componente da *história* que se revela a nível do discurso.

O tempo do *récit* remete para a sucessão cronológica dos factos, explícita ou implicitamente.

Vejamos:

E a menina pusera ao gato o nome de Pintarroxo... parecia um novelo como o gato, quando era pequenino... E Pintarroxo, mesmo crescido, como era agora, vinha igual a um novelo...

O ponto de partida é o momento da enunciação, o *agora*. Agora, o momento em que conta a *história* do gato a que dera, anteriormente, muito antes, logo ao nascer, o nome de Pintarroxo. Hoje, passado um tempo, não mensurado em anos nem meses ou dias, Pintarroxo continua a ser igual a um novelo.

Há, pois, um tempo não contabilizado, mas capaz de ser contado, um tempo vivido pela personagem da história mas que não tem interesse para a história. Por isso, o narrador privilegia esse espaço decorrido entre o nascer do gato e o momento da elocução destacando essa coerência e assinalando que não houve qualquer mutação substancial na personagem. Condensando o tempo, é também resumida a *história*: habitualmente, ou melhor dito, frequentemente, o gato vinha ter com a Nina que o acarinhava com ternura: *As vezes, dizia: Mi..au..au..!!!.*

Às vezes significa uma e outra vez, muitas vezes; implica tempo indeterminado, facto repetido vezes sem número; designa acções anteriores ao momento actual e da elocução.

A mesma ideia traduz o emprego dos tempos verbais: pusera, era, dizia... O Pretérito perfeito indica uma acção passada completamente realizada e anterior ao momento em que se fala.

É um tempo objectivo, próprio do historiador que narra factos sucedidos antes.

Já o Pretérito Imperfeito, porém, se por um lado significa uma acção já passada, por outro, não o é completamente porque é contemporânea de outra já inteiramente decorrida mas com ligações ao sujeito da enunciação e com o tempo presente.

O que importa ao narrador é o presente: Hoje a avó (como antes, como sempre: antes, agora e depois) queixou-se novamente dos danos e dos malefícios do gato o que cria um conflito entre Avó e Neta...

- *Nina, o teu gato comeu a minha begónia!...*
Era sempre a queixa da Vovó...
Não está certo, Nina, não está certo!...

Era a última vez que a avó se queixava: pegou no jornal, sentou-se e pôs-se a lê-lo. Nina tomou o livro e fez o mesmo. Pintarroxo cerrou os olhos, dormiu, sonhou e evadiu-se da terra.

A partir daqui o narrador passa a utilizar o presente histórico. O espírito do narrador tende a presentificar, a actualizar um facto já decorrido. A sua imaginação e sentimento procura referi-lo ao presente, porque está a ser vivido pelo narrador.

O tempo parou, não obstante a história ter avançado. Por isso se diz que o tempo do discurso condiciona o tempo da história. E achamo-nos frente ao tempo psicológico porque aquele é filtrado pela vivência subjectiva da personagem que o redimensiona, que o reduz - tal como acontece na primeira parte - e que agora o alarga, na parte final.

E é este o tempo predominante: o tempo humano, *a durée*, o tempo sem fronteiras porque a finalidade do narrador não é a de contar uma história mas, sim, de dominar a vida pondo em destaque o meio em que Nina vive! É pelo sonho que o homem se liberta. É pelo sonho que se avança. É isto que as três personagens, tão diferentes no tempo, têm em comum: o sonho. Os humanos sonham lendo; os animais sonham o impossível!

4 - O Espaço

Entendido como lugar estático, o conto apresenta um corredor onde decorre uma acção. Pintarroxo, apressado e de mansinho, vem ao encontro de Nina. No mesmo corredor, com um andar pesado mas delicado, em pantufas, a Vovó encontra-se com a sua neta. Depois senta-se na cadeirinha de palha. A acção começa verdadeiramente aqui. Fisicamente é um espaço estrito mas seleccionado para integrar outros espaços: referência à varanda onde se situa a begónia; ponto de partida para a movimentação onírica das personages - da Vovó, da Nina e de Pintarroxo; um espaço restrito incluído noutro mais vasto: a casa em que a Vovó lidera o dia inteiro, debaixo de um telhado onde também é possível sonhar.

Um outro espaço físico mas imaginado, infinito, cósmico, atmosférico que une o céu à terra por meio de uma escada sonhada; um espaço onde decorre a viagem onírica: saltando do interior para o exterior, da casa para os terraços, dos telhados para o céu azul, da Lua para o Sol e deste para as estrelas. São espaços referidos em que o referente é apenas simbólico: a liberdade! Salta begónias sobre begónias e não há avós que repreendam!

Cansado do percurso através do espaço infinito, ilimitado pára na nuvem (símbolo do sonho, do irreal) pára de lá observar o que cá em baixo, na casa, na rua, na cidade cheia de música, a Vovó, a Nina, as pessoas também sonham: a liberdade (abrindo as janelas). Porém os humanos são menos livres que os animais. Têm deveres sociais a cumprir: a avó e a neta.

Significativas são as pantufas da Vovó: pantufas de música lenta, pantufas que perdoam, pantufas de pelúcia... Mais do que descrê-las pretende significar a harmonia que se vive naquele lar e, ao mesmo tempo, a intenção de caracterizar as personagens-tipo: a Vovó linda, atraente com as suas pantufas, simpática (apesar de exigir atenção e respeito pela sua propriedade: as begónias).

Este espaço físico restrito, limitado ao interior da casa a um simples corredor e a uma cadeirinha, diminuto em extensão, à medida que se vai particularizando aumenta o seu poder descritivo e sugestivo: o ambiente familiar e, sobretudo, o estado de espírito dos actores. Do espaço físico salta para o social - a família, caracterizada por uma harmonia onde soa uma nota dissonante que mais realça a harmonia (o perdão); - E para o espaço psicológico com o intuito de evidenciar a atmosfera de entendimento, de compreensão justificada no comportamento dos intervenientes: uma atmosfera de sonho, de sorriso, de perdão. Nada de angústia como poderia implicar o aviso da vovó, nada de castigo, como poderia temer Pintarroxo; nada de irritações como poderia denunciar a fala da avó.

Esta visão omnisciente do narrador coloca o Pintarroxo dando uma visão panorâmica, focalizando de cima para baixo as pessoas e as coisas: a cidade, a avó, a Nina. Desta perspectiva resulta uma imagem, uma visão positiva e libertadora do sonho. É o espaço físico atingido por um olhar revelador da verdadeira natureza da vida.

Estabelece-se, assim, uma unidade íntima entre personagens, cenário e acção, graças ao conjunto de relações imaginadas pelo narrador. Doutra forma: o processo técnico-narrativo utilizado pelo narrador modeliza os espaços referidos - físico, social e psicológico - dotando-os de potencialidades semânticas. Isto é, não interessa a descrição dos referidos espaços mas, sim, o espectáculo, a leitura dos mesmos, a contextura ideológica que eles motivam.

Ora, sendo o leitor a outra personagem que constrói este texto sugerir-lhe-á que ele também tem de fazer um percurso solitário no mundo, na vida e com confiança. Surgerirá à criança leitora uma viagem pela Lua, pelo Sol, pelas estrelas para a qual esses elementos têm um significado tão diferente daquele que têm para o adulto.

5 - A Estrutura

Começarei por esclarecer a ambiguidade do termo. Tomando a obra em si própria e a expressão verbal como o processo integrador dos materiais diversos e a sua mútua correlação, perfila-se no horizonte da análise textual a ideia da determinação da estruturação do texto narrativo. Com efeito, a estrutura é o conjunto de relações entre os elementos que constituem um sistema, o conjunto de relações entre os elementos que constituem um sistema, o conjunto de dependências e implicações que cada elemento mantém com os outros e com o todo.

Aplicada à narrativa, designa o objecto organizado e bem assim, o processo de organização interna que configura o todo. Contudo, se se considera que a estrutura tem valor meramente heurístico e operatório, então a análise limita-se a descobrir o modelo unicador (tal foi a proposta de Vladimir Propp - um modelo invariável comum a toda a narrativa folclórica). Abstendo-me de uma crítica ao método Proppiano quero realçar o mérito de ter privilegiado o plano da história, quer dizer, explicitar a sintaxe das acções (sintaxe narrativa) e a lógica da organização sistemática do texto. No plano da história, a estrutura destaca as personagens, as acções e os espaços, nas suas relações de interdependência: acções decisivas ou acções meramente indiciais, personagens principais ou meros figurantes, relações personagem/espaço.

Considero que a determinação da estrutura do conto não se pode reduzir ao levantamento dos elementos referidos mas se deve ocupar do discurso como unidade integradora que investe na significação do material. Daí que na descrição de qualquer objecto não basta a manifestação das unidades estruturantes mas também é importante a caracterização e a descrição das mesmas porque desempenham uma função diegética e contribuem para a compreensão da acção.

Referimo-nos já às personagens e à sua função na narrativa; ao cenário ou espaço onde decorre esta acção e, indirectamente, à acção de cada um daqueles actores na economia da narrativa.

Importa referir as interrelações destes elementos, a sua descrição, a perspectiva do narrador, a estratégia discursiva, tudo o que configura o modo narrativo e que se podem considerar unidades narrativas.

A propósito do tempo na narrativa, afirmámos que o tempo cronológico é submetido ao tempo psicológico da primeira parte do texto e ao tempo onírico, da segunda parte. Com efeito, a perspectiva do narrador é caracterizar o gato personalizado e a Vovó: caracterização directa destas personagens que se assemelham em muitas qualidades e diferem noutras. Ficou dito que as personagens presentes, desde o início ao fim da narrativa, são o Pintarroxo e a Nina: um e outro se aproximam pelo sonho, pela evasão, pela alteridade.

Há um espaço físico: o interior da casa, o corredor e a sala (não referida mas pressuposta) onde avó, neta e gato estão a sonhar. Elas são transportadas para um outro mundo através da leitura. Que bom ler!... Ele, irracional, mas animizado, sonhando como qualquer criança! Se até os animais voam no espaço que bom é sonhar! E o espírito voa, independentemente da idade!... Então significa que a vida é feita de sonhos: evadindo-se dos pais, dos avós, da cidade, da rua... É-se herói subindo acima de si mesmo! É-se herói voando, libertando-se, trepando, pela escada da vida até ao Céu.

Desta perspectiva resulta um modo narrativo. Não há diálogo. Há um puro monólogo entre Nina e Pintarroxo, entre Nina e a Avó. É o sonho de Pintarroxo, o seu solilóquio, a transposição para o imaginário é o melhor tipo de discurso porque corresponde à antecipação de eventos e a melhor forma de distorção do tempo cronológico.

E isto está de acordo com a intencionalidade do narrador: aprofundar a caracterização psicológica da criança.

6 - A linguagem

É reconhecido que o signo linguístico é um veículo de semiose. Considerando qualquer enunciado como um processo

de comunicação e significação o signo pode ser analisado na perspectiva sintáctica, semântica e pragmática, isto é, das relações entre signos, na relação entre significante e referente, na relação signo e seu utente.

Sendo, por outro lado, o signo linguístico o elemento de suporte do signo literário e narrativo é por ele que passamos do nível de superfície ao mais profundo isto é, entre o signo linguístico e literário. A aliteração e a onomatopeia, pelos seus recursos fónicos, transcendem o sentido denotativo e apontam para a plurissignificação; a semelhança entre o representante e o representado manifestam a função icónica e figurativa do significante tal como nas artes plásticas o retrato lembra a pessoa retratada ou o quadro paisagístico a paisagem que evoca.

Ora, no texto em análise, gostava de sublinhar a selecção de palavras, a sua combinação, a preferência por determinados fenómenos, os motivos, os recursos figurativos, alguns temas que apontam para o sentido do conto.

- Pintarroxo - é um nome de ave que voa no espaço e que do ponto de vista pragmático é utilizado como sinónimo do gato sonhador: A sua caracterização pinto, cinzento, roxo, de olhos amarelos, não obstante o seu sentido próprio são cores simbólicas. O amarelo a cor do sol, o símbolo da intuição que ilumina os factos, da inteligência e da generosidade. Por isso, ele vagueia no ar, na atmosfera e pelo sol. O cinzento simboliza a inércia, o abatimento, a indiferença e o egoísmo de que o Pintarroxo, na sua atitude frente a Vovó, dá prova; o roxo significa a nostalgia. Estas cores, mistura de primárias e secundárias, significam sentimentos complexos como o do mal e do perdão. Por isso, a denominação dada ao gato é intencional e significativa.

Relacionado com esta designação está um conjunto de metáforas e comparações caracterizadoras da personagem: parecia um novelo, um novelo com patas; o ruído das quatro patas uma música novelo rápida e mansa tocada por quatro almofadinhas. Igual ao pianista que acaba de tocar as teclas de um piano.

Não há a menor dúvida que estas figuras de estilo - a comparação e a metáfora - transcendem a mera representação de um gato e apontam para o sentido conotativo; é um artista e, como tal, um sonhador, um poeta.

Todo o ambiente de carinho, de ternura se desprende da selecção de diminutivos que abundam no texto para caracterizar a personagem: pequenino, almofadinhas, patinhas... bem como o emprego de adjectivos: doido, maluco, malucas cujo sentido o narrador tem o cuidado de explicar e de muitos outros sinónimos da beleza do gato. O uso de onomatopeias - Pam!... Pam!... Pam!... mais tarde também utilizado para traduzir o movimento da avó, aproximam o pianista do plano que o Pintarroxo inteligente toca. Trata-se de um gato que de animal

nada tem mas em tudo se assemelha a um humano. É impossível fazer um levantamento exaustivo.

Análoga é a caracterização metafórica da Vovó: cabelo branco igual à brancura da neve, com a transparência da água... os pés embrulhados em morangos... Ou rosas e camélias! Pantufas de música lenta.

Esta avó linda, como lindo é o Pintarroxo, artista musical como aquele gato, como ele também sonhador, de cabelo branco, prateado como é a lua, são figuras de uma significação que o narrador pretende dar aos signos: o *designatum* ou seja a actividade intensa da Vovó que cuida da casa e também a permanência de uma juventude de espírito simbolizada no sonho.

Outro tanto poderíamos dizer da caracterização de Nina. O espaço, a capa do livro de Nina, o rio, tudo é azul, o símbolo da inocência como a brancura do cabelo, a transparência da água, a nuvem muito branca. Símbolo do sonho, da ilusão, da fantasia e do maravilhoso.

Mencionarei ainda a frase sincopada e a de tipo absoluto que predominam no texto. Este género de frases traduzem o movimento, a passagem do real para o irreal. Simultaneamente o emprego da coordenada copulativa "E" tão característica da linguagem oral e infantil apropriada e qualificadora deste tipo de lógica.

Para lá dos signos linguísticos não pode o analista esquecer também os signos narrativos. São eles, a nível da "história" para além dos diminutivos de carinho com que denomina a Vovó e Nina e da sua caracterização, o discurso egocêntrico, autístico de cada uma destas personagens: cada uma vive no seu mundo, oposto em parte mas semelhante também. Tais signos remetem o leitor para uma ideologia que corre ao longo da narrativa.

De igual modo, a nível do discurso destacaria a prolepse final que encerra o texto, a focalização interior, o monólogo egocêntrico da Vovó para a neta ou modos da narrativa. Todos estes elementos linguísticos, transformados em signos literários e narrativos intervêm na semiose tentada pelo seu utilizador. O texto termina com a pergunta: **É um gato ou um pássaro?** O texto é uma interrogação, uma interpelação ao leitor, revelando que não tem uma única significação.

Este texto subverte, finalmente, a própria sintaxe. Note-se a variação de tempo verbal: o emprego do imperfeito do indicativo, tempo narrativo para finalizar no emprego do presente histórico, vivencial.

De igual modo a frase sincopada, curta, já referida, como o lexema próprio Pin...ta...roxo - remetem para um todo partido, fraccionado, descomposto.

Conclusão

Todos estes recursos apontam para um conto moderno, diferente do conto tradicional, para uma literatura icónica, figurativa, fantasiosa, protagonizada por um gato que incarna valores fundamentais da criança: o sonho, a liberdade, a independência dos adultos, numa palavra - os seus desejos.

Ilustração do Conto

Sugeria:

- Uma cadeira de descanso; em sala;
- Vovó sentada na cadeira lendo o jornal;
- Vovó de cabeleira alva, pantufas cor de morango, floridas;
- deitado aos pés da Vovó, o Pintarroxo a dormir e a sonhar;
- sentada, também junto da avó, Nina lendo o livro de capa azul;
- Sobre a cabeça, o Sol, a Lua, as estrelas;
- Um apontamento da cidade, com a sua escola:
- Cores dominantes: o azul e o branco.